

EDUCAÇÃO FINANCEIRA E FORMAÇÃO UNIVERSITÁRIA: UM ESTUDO SOBRE ATITUDE, CONHECIMENTO E COMPORTAMENTO FINANCEIRO DOS ALUNOS DE CIÊNCIAS CONTÁBEIS

RENILSON DA SILVA COSTA

Universidade Federal do Cariri- UFCA

CICERO MAICON BARBOSA ANDRADE

Universidade Federal do Cariri- UFCA

SABRINA RIBEIRO DE ALMEIDA

Universidade Federal do Cariri- UFCA

POLYANDRA ZAMPIERE PESSOA DA SILVA

Universidade Federal do Cariri- UFCA

RESUMO

O crescimento do endividamento e a falta de planejamento financeiro têm evidenciado a importância da educação financeira como ferramenta essencial para o equilíbrio econômico individual e social. Nesse contexto, compreender o nível de educação financeira entre universitários torna-se fundamental, uma vez que esse público está em formação tanto profissional quanto pessoal, e suas decisões econômicas refletem diretamente em seu futuro. O presente estudo teve como objetivo geral identificar o nível de educação financeira dos estudantes dos cursos de Ciências Contábeis de uma universidade pública. A pesquisa caracteriza-se como quantitativa, descritiva e de levantamento (survey), utilizando um questionário, aplicado a uma amostra de estudantes da Universidade Federal do Cariri (UFCA). Os dados foram analisados por meio de estatística descritiva e testes inferenciais, como o teste Mann-Whitney e Spearman. Os resultados indicaram que a maioria dos estudantes apresentou alto nível de educação financeira, com destaque para os construtos comportamento e conhecimento financeiro. A dimensão atitude financeira apresentou médias que indicam posturas mais responsáveis, planejadas e conscientes no uso do dinheiro. Além disso, não foram encontradas diferenças significativas relacionadas ao curso ou ao semestre, sugerindo que a formação acadêmica, isoladamente, não garante o desenvolvimento dessa competência. Conclui-se que a educação financeira deve ser fortalecida no ambiente universitário como prática contínua e interdisciplinar, promovendo o desenvolvimento de cidadãos financeiramente conscientes e preparados para as demandas econômicas da vida adulta. Palavras-chave: Educação Financeira; Comportamento Financeiro; Ensino Superior; Ciências Contábeis.

1. INTRODUÇÃO

A estabilidade econômica conquistada pelo Brasil na década de 1990 favoreceu a expansão da oferta de produtos e serviços financeiros, como o crédito, o que ampliou o poder de consumo de parte da população (Silva, 2025). Contudo, a carência de competências e habilidades relacionadas à educação financeira fez com que o tema ganhasse destaque em pesquisas e iniciativas voltadas ao assunto. Levantamento realizado pelo Instituto de Pesquisas

Sociais, Políticas e Econômicas – Ipespe (2025) revelou que a maioria dos brasileiros 55% reconhecem compreender pouco ou nada sobre educação financeira. Apesar disso, 55% dos entrevistados afirmam dar muita ou alguma atenção ao acompanhamento e controle de suas finanças pessoais.

Esse cenário é reforçado por levantamento da Onze (2024), que avaliou o grau de conhecimento financeiro da população brasileira e constatou que 41% dos entrevistados afirmaram saber pouco ou quase nada sobre o tema. Outros 37% relataram possuir apenas noções básicas, enquanto somente 18% declararam ter conhecimento suficiente para organizar suas próprias finanças. De forma semelhante, pesquisa conduzida pelo Banco Central (2023) apontou que apenas 14,3% dos respondentes foram capazes de realizar corretamente um cálculo simples de juros.

Diante desse cenário, a educação financeira assume papel relevante como estratégia para promover maior equilíbrio econômico. A educação financeira pode ser compreendida como um conjunto de hábitos e comportamentos que tem como finalidade a organização financeira (Lopes et al., 2021). Esse conhecimento é um capital que envolve temas como a gestão de recursos, incluindo receitas, despesas e poupança (Delavande et al., 2008), assim como à capacidade do indivíduo de entender e processar informações financeiras (Huston, 2010).

A literatura sobre educação financeira apresenta resultados divergentes (Zhang; Lu; Xiao, 2023). Os estudos expõem que abordar apenas o acúmulo de recursos não é suficiente para mudar a realidade, pois aspectos pessoais e comportamentais (Fernandes, Lynch e Netemeyer, 2014), interferem neste cenário. Sob a perspectiva de que a educação financeira pode impactar diretamente o comportamento, pesquisas mais recentes apontam efeitos positivos, como demonstrado nos trabalhos de Ghafoori, Ip e Kabátek (2021), Kaiser et al. (2022) e Marques et al. (2023). Ou seja, a educação financeira pode melhorar o comportamento financeiro dos indivíduos, nos aspectos de gestão, planejamento e controle.

Por outro lado, o estudo de Souza et al. (2025) demonstraram que apesar de uma atitude e um comportamento financeiro adequados os estudantes pesquisados não apresentavam bons índices de educação financeira. Resultado corroborado pelo estudo de Santos et al. (2025) que demonstrou um baixo nível de educação financeira entre professores, uma vez que uma alta educação requer um bom desempenho nas dimensões de atitude, comportamento e conhecimentos financeiros.

Não obstante, o estudo de Santos et al. (2023) demonstrou índices de educação financeira acima de 60% para metade dos estudantes. Assim como foi possível observar que os entrevistados matriculados nos cursos de Administração, Ciências Contábeis e Engenharia de Produção detêm níveis de educação financeira superiores aos estudantes dos demais cursos de graduação pesquisados como das áreas de ciências humanas e ciências exatas e naturais.

Nesse contexto, este estudo tem como objetivo geral identificar o nível de educação financeira dos estudantes de ciências contábeis de uma universidade pública. Compreende-se como educação financeira o desempenho alcançado em atitude, comportamento e conhecimento financeiro, dimensões propostas pela OCDE (2013). Onde a atitude financeira se refere a identificar como o indivíduo avalia sua gestão financeira. O comportamento avalia o gerenciamento de suas próprias finanças. E o conhecimento financeiro avalia questões sobre

inflação, taxa de juros, valor do dinheiro no tempo, risco, retorno, diversificação, mercado de ações, crédito e títulos públicos (Potrich et al. 2016).

A investigação, no âmbito social, busca ampliar as discussões acerca de endividamento, inadimplência e explicitar atitudes, comportamentos e o conhecimento entre jovens universitários. Isso pode auxiliar nas discussões sobre o tema, possibilitando a criação de ações que reduzam os efeitos negativos que a falta de educação financeira pode gerar no futuro desses indivíduos (Silva, 2025). Sob a perspectiva acadêmica, pretende ampliar a discussão sobre a efetividade da educação financeira nos cursos de Ciências Contábeis, reforçando a integração entre teoria e aplicação prática. Já na dimensão contábil, a pesquisa oferece subsídios para que profissionais e instituições compreendam como o conhecimento da área pode ser utilizado para estimular maior responsabilidade financeira entre os futuros contadores (Queiroz et al., 2015)

2. REFERENCIAL TEÓRICO

O tema das finanças pessoais tem seu nível de importância reconhecido nas principais economias globais (Chen e Volpe, 1998). Com o desenvolvimento econômico em muitos países, produtos e serviços tornaram-se amplamente disponíveis. No entanto, acompanhando essa expansão, as decisões de consumo das famílias, muitas vezes baseadas em escolhas desfavoráveis e aliadas a ofertas de crédito fácil, têm levado a decisões inconsequentes, especialmente para indivíduos com pouca compreensão de conceitos financeiros (Bruhn et al., 2016). Não por acaso, as taxas de falências pessoais, mesmo em países desenvolvidos como os Estados Unidos, têm disparado. A ausência de uma educação financeira adequada também compromete a capacidade das pessoas em realizar objetivos de longo prazo, como a aquisição da casa própria e planos de aposentadoria. Assim, decisões financeiras negativas não impactam apenas a vida dos indivíduos, mas toda a sociedade (Ergün, 2018).

A educação financeira engloba uma combinação de consciência, conhecimento, habilidade, atitude e comportamento essenciais para a tomada de decisões inteligentes que promovam o bem-estar financeiro (OCDE, 2013). A educação financeira pode ser definida como a busca por conhecimentos necessários para gerenciar e tomar boas decisões sobre as próprias finanças, visando o uso correto dos recursos disponíveis no presente e um planejamento futuro (Lizote e Verdinelli, 2014). Dessa forma, a educação financeira compreende a capacidade de interpretar números e utilizar informações para planejar um consumo saudável no presente e um futuro financeiro equilibrado.

No Brasil, o cenário financeiro é complexo e desafiador. Apesar de avanços na inclusão bancária e na oferta de crédito, grande parte da população ainda carece de educação financeira básica. O que se reflete em altos índices de endividamento familiar, uso inadequado de produtos financeiros e dificuldades no planejamento para o futuro (Pesquisa de Letramento Financeiro – Banco Central do Brasil & FGC 2023). A facilidade de acesso ao crédito, aliada à falta de conhecimento sobre seus riscos e implicações, tem contribuído para um ciclo vicioso de consumo impulsivo e inadimplência. Esse contexto ressalta a urgência de fortalecer a educação financeira em todos os níveis, desde a base até o ensino superior, para capacitar os indivíduos a tomar decisões mais conscientes e responsáveis com seu dinheiro (Corrêa et al., 2018).

A educação financeira no ambiente universitário tem sido objeto de investigações recentes que visam apreender o nível de cognição dos discentes sobre o tema e sua aplicação no cotidiano. Conforme Reckziegel et al. (2023), numerosos estudantes experienciam dificuldades financeiras substanciais, apesar de estarem imersos em cursos que, em tese, os capacitariam para a administração eficiente de recursos. A carência de uma educação financeira crítica e aplicada impacta diretamente o comportamento de consumo desses futuros profissionais, o que pode refletir na sua atuação e credibilidade. A universidade, nesse contexto, tem a capacidade de integrar de forma mais efetiva os conhecimentos técnicos com habilidades de gestão financeira pessoal, preparando profissionais mais competentes e conscientes (De Nardi et al., 2025).

O endividamento discente constitui um fenômeno crescente no contexto acadêmico brasileiro, particularmente em cursos como Ciências Contábeis, onde os estudantes confrontam os problemas da realidade econômica enquanto adquirem conhecimento técnico em finanças (Montanha Filho et al., 2019). Paradoxalmente, o domínio conceitual nem sempre se traduz em competências práticas para a gestão financeira pessoal (Reckziegel et al., 2023).

Em cursos de negócios, como Administração, Ciências Contábeis e Economia, espera-se que os estudantes desenvolvam uma sólida base para a gestão financeira, tanto empresarial quanto pessoal. Contudo, mesmo com o conhecimento técnico adquirido, muitos discentes manifestam dificuldades em planejar suas despesas e em estabelecer prioridades financeiras (Campos et al., 2022). Essa incongruência entre saber e agir revela a fragilidade das abordagens educacionais convencionais frente aos desafios práticos da vida financeira.

Em relação à educação financeira, em específico sobre a compreensão dos estudantes de administração, ciências contábeis e economia, existe uma dificuldade entre aplicar o conhecimento técnico aprendido no curso para planejar suas despesas e estabelecer prioridades financeiras. Essa incongruência entre saber e agir pode revelar uma fragilidade do contexto educacional face aos desafios práticos da vida financeira (Campos et al., 2022). A carência de uma educação financeira crítica e aplicada impacta diretamente o comportamento de consumo.

Muitos estudantes universitários percebem o crédito como uma extensão da renda e não como uma responsabilidade futura. Essa condição é exacerbada pelo uso indiscriminado do cartão de crédito, um instrumento acessível e atrativo que fomenta um consumo imediatista e frequentemente descontrolado (Possner et al., 2024). O uso do cartão de crédito é frequentemente naturalizado entre universitários, apesar dos riscos associados ao seu uso descontrolado. A carência de conhecimento técnico sobre operações de crédito básicas os leva a tomar decisões financeiras equivocadas, aumentando a inadimplência (Oliveira e Martucheli, 2025). Essa falta de preparo financeiro pode gerar endividamento precoce na graduação, impactando negativamente a vida acadêmica, a saúde mental e as relações interpessoais dos estudantes (Felipe et al., 2022).

Esse comportamento financeiro dos estudantes universitários é moldado por uma complexa interação de aspectos psicológicos e socioeconômicos. A impulsividade, o imediatismo e uma baixa percepção de risco são características psicológicas que aumentam a propensão ao endividamento (Oliveira, 2021). Alunos que priorizam desejos momentâneos em detrimento de um planejamento financeiro consistente tendem a consumir além de suas capacidades, comprometendo sua saúde financeira.

Além disso, a vulnerabilidade financeira dos universitários está diretamente ligada ao seu perfil socioeconômico. Campagner e Campagner (2025) observaram que muitos estudantes de cursos como Ciências Contábeis na UFRJ vêm de famílias com renda limitada. Essa realidade frequentemente os obriga a trabalhar para conseguir se manter no curso, adicionando uma camada extra de complexidade às suas responsabilidades financeiras e, muitas vezes, limitando suas opções e aumentando a pressão por decisões financeiras rápidas e, por vezes, arriscadas.

Nesse sentido, Corrêa et al. (2018) identificaram, em um levantamento com alunos da UFRA, que a maioria dos estudantes enfrentava problemas com despesas essenciais como transporte e alimentação, e frequentemente necessitava recorrer a empréstimos formais ou informais para suprir essas demandas, o que gerava um ciclo de endividamento de difícil rompimento. A situação descrita é corroborada por Carvalho et al. (2022), que investigou a evasão no curso de Ciências Contábeis da UFRN e concluiu que uma das principais causas do abandono era a dificuldade financeira. Muitos alunos, diante da impossibilidade de arcar com os custos da vida universitária e desprovidos de suporte adequado, optavam por interromper sua formação.

A conexão entre bem-estar financeiro e desempenho acadêmico é latente. Segundo Sousa (2023), estudantes que possuem maior controle sobre suas finanças pessoais tendem a apresentar melhor rendimento acadêmico e menor incidência de sintomas de ansiedade e depressão. Por outro lado, a instabilidade financeira afeta diretamente a concentração, a motivação e a permanência nos estudos. Nesse contexto, Nardi et al. (2025) enfatizam que, apesar de estarem em cursos voltados para o domínio técnico da contabilidade e administração financeira, muitos estudantes não conseguem aplicar o que aprenderam devido ao contexto socioeconômico. Os autores ressaltam a necessidade de uma educação financeira que vá além da técnica, tornando-se vivencial e prática, conectada à realidade do estudante. Eles sugerem que as universidades deveriam adotar uma abordagem pedagógica focada no cotidiano financeiro dos alunos, por meio de atividades práticas, simulações e orientações individuais.

Além disso, o anseio de pertencimento, a influência das redes sociais e a valorização de bens de status contribuem para que muitos estudantes priorizem gastos supérfluos em detrimento de suas necessidades básicas. Reckziegel et al. (2023) apontam que muitos discentes replicam comportamentos financeiros familiares desordenados e não possuem referências positivas em relação ao uso responsável do capital. Campos et al. (2022) revelam que, mesmo entre estudantes da área de negócios, persistem falhas na compreensão de taxas de juros, modalidades de parcelamento e cálculo de endividamento.

A instabilidade financeira compromete diretamente o desempenho acadêmico dos estudantes de Ciências Contábeis, especialmente durante o ensino remoto emergencial. Alunos em situação de vulnerabilidade enfrentaram maiores dificuldades, agravadas pela precariedade da infraestrutura doméstica e pela necessidade de conciliar os estudos com atividades remuneradas (Soares et al., 2023). Nesta perspectiva, Reckziegel et al. (2023) fomenta que o endividamento juvenil não é apenas um problema econômico, mas um fenômeno multifacetado que engloba aspectos sociais, emocionais, educacionais e culturais. Para os autores, a solução exige uma abordagem integrada que transcenda o ensino técnico, incorporando vivências,

discussões e experiências reais de planejamento e gestão financeira, visando formar indivíduos financeiramente autônomos e conscientes de suas decisões.

A compreensão do perfil socioeconômico dos alunos pode auxiliar no planejamento de ações de apoio eficazes, especialmente para estudantes de baixa renda que trabalham para se sustentar. Esses alunos necessitam de atenção diferenciada e suporte material e emocional por parte das instituições (Campagner e Campagner, 2025). A transformação do comportamento financeiro é um processo contínuo de aprendizado e acompanhamento.

O grande desafio, portanto, não está apenas em ministrar o conteúdo, mas em garantir que ele seja incorporado à rotina dos alunos e se torne um hábito, como concluem Campos et al. (2022). Onde, a universidade, como um espaço de formação, deve contribuir para que os estudantes se tornem não apenas profissionais competentes, mas também cidadãos conscientes e preparados para as exigências da vida adulta. A educação financeira deve ser vista como um direito e uma necessidade, sendo incorporada às políticas institucionais de forma permanente e estruturada, e não como um conteúdo eventual ou opcional (Costa et al., 2023).

Pesquisas como a de Dalla Santa et al. (2021) são importantes para entender a fundo a relação entre a educação financeira recebida e a propensão ao endividamento entre estudantes universitários, especialmente aqueles de Ciências Contábeis. Os diversos fatores que influenciam a educação financeira dos discentes devem ser mapeados, a fim de mitigar o endividamento estudantil para promover uma cultura de responsabilidade fiscal desde os estágios iniciais da formação acadêmica.

3. METODOLOGIA

3.1 Caracterização do estudo

A pesquisa foi desenvolvida a partir de uma abordagem descritiva e quantitativa, voltada para a mensuração de atitudes, comportamentos e níveis de conhecimento relacionados à educação financeira entre estudantes universitários. O estudo tem caráter descritivo, pois ao optar por esse tipo de pesquisa, procura-se identificar padrões de comportamento e possíveis fatores associados ao nível de educação financeira, sem que haja intervenção direta do pesquisador na realidade analisada, sendo eficaz em problemas que envolvem comportamento e percepções (Gil, 2022).

Além de seu caráter quantitativo e descritivo, esta pesquisa se classifica como um levantamento do tipo *survey*, uma vez que busca coletar dados diretamente junto aos participantes por meio da aplicação de um questionário estruturado. De acordo com Gil (2019), o levantamento é uma técnica adequada quando se pretende obter informações acerca de opiniões, comportamentos ou características de um grupo específico. Nesse sentido, optou-se pela utilização de um instrumento fechado, composto por 28 perguntas, dividido entre aspectos de atitude, comportamento e conhecimento em educação financeira. O método *survey* possibilita a análise de tendências e correlações entre variáveis, permitindo identificar o nível de educação financeira dos estudantes (Freitas e Janissek, 2000; Malhotra, 2012).

3.2 População e coleta de dados

A população da pesquisa é composta por 262 estudantes com matrícula ativa no curso de Ciências Contábeis de uma instituição de ensino superior no semestre de 2025.1. A seleção dessa população justifica-se pela relação direta que esses alunos possuem com os temas de gestão e planejamento financeiro, visto que a formação acadêmica oferece subsídios técnicos para o desenvolvimento dessas competências. Nesse sentido, a caracterização da população permite compreender de forma mais específica como a formação contábil pode ou não contribuir para a educação financeira (Lizote e Verdinelli, 2014).

A coleta de dados foi realizada por meio da aplicação de um questionário estruturado, elaborado com base no instrumento validado por Potrich et al. (2016). Esse instrumento apresenta consistência interna satisfatória. O instrumento incluiu questões voltadas para a caracterização sociodemográfica, atitude financeira (Apêndice 1: Q1 a Q3), comportamento financeiro (Apêndice 1: Q4 a Q8) e conhecimento financeiro (Apêndice 1: Q9 a Q21).

A aplicação do questionário ocorreu de forma presencial utilizando a ferramenta do google forms entre os dias 04/08/2025 ao dia 14/08/2025, possibilitando maior alcance e participação dos discentes. Essa estratégia, além de ampliar a representatividade da amostra, contribuiu para a agilidade no processo de tabulação dos dados, assegurando maior confiabilidade na análise subsequente (Silva, 2025). Na amostra final, foram obtidas 140 respostas válidas.

Além disso, buscou-se garantir o anonimato das respostas, fator que contribuiu para que os participantes se sentissem mais à vontade ao relatar informações pessoais sobre seu comportamento financeiro. Essa postura reforça a seriedade da pesquisa e aumenta a consistência dos dados coletados (Queiroz et al., 2015).

3.3 Análise de dados

O cálculo de cada dimensão foi realizado conforme as equações propostas por Potrich et al. (2016), que ponderam as respostas dos participantes de acordo com o peso atribuído a cada questão do instrumento aplicado. Assim, obtêm-se valores representativos de cada dimensão individualmente.

Após a obtenção dos índices de atitude, comportamento e conhecimento, foram calculadas as medidas D_0 e D_1 , as quais permitem classificar o nível de educação financeira de cada respondente. Essas medidas representam a distância euclidiana entre os valores observados do indivíduo e dois perfis de referência (alto e baixo nível de educação financeira), definidos por Potrich et al. (2016).

As equações utilizadas são as seguintes:

$$ATIT = \frac{[0,26 * Q + 0,49 * Q2 + 0,25 * Q3]}{5}$$

$$COMP = \frac{[0,22 * Q4 + 0,23 * Q5 + 0,19 * Q6 + 0,15 * Q7 + 0,21 * Q8]}{5}$$

$$CONH = \frac{[Q9 + Q10 + Q11 + Q12 + Q13 + Q14 + Q15 + Q16 + Q17 + Q18 + Q19 + Q20 + Q21]}{13}$$

A interpretação é dada por meio da comparação entre D_0 e D_1 :

- Se $D_0 > D_1$, o indivíduo é classificado como tendo **alto nível de educação financeira**;
- Se $D_0 < D_1$, o indivíduo é classificado como tendo **baixo nível de educação financeira**.

Em termos práticos, o cálculo avalia qual perfil de referência (alto ou baixo) está mais próximo das atitudes, comportamentos e conhecimentos observados no participante. Quanto menor a distância (D), maior a similaridade com aquele perfil. Conforme equações:

$$D_0 = (0,49 - ATIT)^2 + (0,55 - COMP)^2 + (0,57 - CONH)^2$$

$$D_1 = (0,37 - ATIT)^2 + (0,85 - COMP)^2 + (0,82 - CONH)^2$$

Portanto, o método permite identificar de forma quantitativa o nível de educação financeira de cada respondente, considerando simultaneamente três dimensões complementares. Essa abordagem facilita a análise de padrões, correlações e diferenças entre grupos, permitindo inferir se determinados fatores (como idade, gênero, escolaridade ou renda) influenciam de maneira significativa o nível de educação financeira.

Após a realização dos cálculos dos construtos de atitude, comportamento e conhecimento financeiro, os valores obtidos são aplicados em fórmulas de distância euclidiana que classificam cada participante em um dos dois grupos de educação financeira: baixo nível ou alto nível. Essa classificação é feita com base na proximidade dos escores individuais em relação aos centros médios dos grupos (Potrich et al., 2016).

Para compreender melhor os dados do grupo pesquisado foram feitos testes adicionais como o de Mann-Whitney. Este é um teste não paramétrico utilizado para comparar a mediana de dois grupos independentes, sendo adequado quando os dados não seguem uma distribuição normal. Foram comparados a mediana do grupo em relação ao sexo e em relação ao semestre.

Além disso, com o objetivo de identificar possíveis associações entre as variáveis, foi aplicado o teste de correlação de Spearman, também de natureza não paramétrica. Esse teste avalia a força e a direção da relação monotônica entre as variáveis, permitindo verificar se há associação entre sexo e os indicadores de atitude, comportamento e conhecimento financeiro. Assim como os indicadores da educação financeira e os semestres cursados. Os dados serão apresentados no próximo tópico.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 Características sociodemográficas

O questionário aplicado buscou compreender o perfil socioeconômico dos participantes, em aspectos como idade, sexo, renda familiar, entre outros. A estatística descritiva do perfil destes indivíduos apresenta-se na Tabela 1.

Tabela 01: Perfil dos respondentes

Variável	Alternativas	Percentual	Frequência Absoluta
Gênero	Masculino	50%	70
	Feminino	50%	70
Estado civil	Solteiro(a)	90%	126
	Casado(a) / União Estável	8%	11

	Separado(a) / Divorciado(a) / Viúvo(a)	2%	3
Dependentes	Não	93,6%	131
	Sim	6,4%	9
Seu grupo familiar é composto por quantas pessoas?	1 a 2	21%	29
	3 a 5	74%	104
	6 a 7	5%	7
Ocupação	Funcionário(a) Público(a)	3%	4
	Empregado(a) Assalariado(a)	56%	78
	Não trabalha	21%	29
	Jovem aprendiz/Estagiário(a)	10%	14
	Outros	9%	13
Renda mensal própria	Até R\$ 700,00	16%	22
	Entre R\$ 700,01 e R\$ 1.400,00	29%	41
	Entre R\$ 1.400,01 e R\$ 2.100,00	36%	50
	Entre R\$ 2.100,01 e R\$ 3.500,00	9%	13
	Entre R\$ 3.500,01 e R\$ 7.000,00	2%	3
	Não possuo renda própria	8%	11
Renda mensal familiar aproximada	Até R\$ 700,00	6%	8
	Entre R\$ 700,01 e R\$ 1.400,00	14%	20
	Entre R\$ 1.400,01 e R\$ 2.100,00	26%	36
	Entre R\$ 2.100,01 e R\$ 3.500,00	26%	36
	Entre R\$ 3.500,01 e R\$ 7.000,00	21%	29
	Entre R\$ 7.000,01 e R\$ 14.000,00	6%	8
	Mais de R\$ 14.000,00	1%	1

Fonte: Dados da pesquisa

Conforme tabela 1, a amostra da pesquisa apresentou uma distribuição equilibrada quanto ao gênero (50% masculino e 50% feminino) e predominantemente composta por estudantes solteiros (90%), refletindo o perfil esperado do público universitário, ainda em fase inicial da vida adulta. Observou-se que 93,6% dos respondentes não possuem dependentes e 74% vivem em grupos familiares de três a cinco pessoas, o que sugere um ambiente de apoio familiar moderado, típico de jovens que ainda residem com os pais.

Em relação à ocupação, 56% afirmaram ser empregados assalariados e 21% não possuem atividade remunerada, indicando que parte significativa dos estudantes já busca autonomia financeira, ainda que em estágios iniciais da carreira. Quanto à renda mensal própria, 81% dos participantes declararam receber até R\$ 2.100,00, o que, segundo os parâmetros do IBGE (2024), enquadra a maioria na faixa de baixa renda. Já a renda familiar predominante situa-se entre R\$ 1.400,01 e R\$ 3.500,00 (52%), o que reforça a representatividade de famílias de classe média baixa (IBGE, 2024).

Esses resultados são coerentes com o perfil identificado em estudos como o de Potrich, Vieira e Mendes-da-Silva (2016), que analisaram o nível de educação financeira entre universitários e constataram predominância de jovens adultos com renda limitada e dependência familiar parcial. O Banco Central (2023) apontou que indivíduos com menor renda e menor experiência profissional tendem a apresentar níveis mais baixos de conhecimento e atitude financeira. Assim, o perfil identificado nesta pesquisa reforça a relevância de compreender como a educação financeira desses jovens graduandos está se desenvolvendo.

Esses achados corroboram os resultados de Campagner e Campagner (2025), que observaram perfil socioeconômico semelhante entre estudantes de Ciências Contábeis da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), destacando que grande parte deles provém de famílias com renda limitada e depende de recursos familiares para custear seus estudos. Tal convergência evidencia que a condição econômica dos discentes das instituições públicas brasileiras ainda representa um fator determinante para o desenvolvimento da autonomia financeira e, consequentemente, para o nível de educação financeira.

4.2 Construtos de educação financeira

Nesta seção serão apresentados os resultados referentes aos construtos de educação financeira, obtidos a partir da análise das respostas do questionário aplicado. O construto atitude financeira, tiveram questões como “Não me preocupo com o futuro, vivo apenas o presente”; “Considero mais satisfatório gastar dinheiro do que poupar para o futuro” e “O dinheiro é feito para gastar”, conforme disposto no Apêndice 01. No caso do construto comportamento financeiro, foram analisadas as respostas das questões Q4 a Q8, que abordam práticas como guardar parte da renda, manter uma reserva de emergência e planejar os gastos pessoais. Por fim, o construto conhecimento financeiro foi avaliado a partir das questões Q9 a Q13, também descritas no Apêndice 01, as quais envolvem temas como juros, investimentos e valor do dinheiro no tempo.

Os resultados dos dados agregados a partir de uma análise descritiva estão expostos na Tabela 02.

Tabela 02: Construtos de educação financeira

<i>Variável</i>	<i>Média</i>	<i>Mediana</i>	<i>Moda</i>	<i>Desvio Padrão</i>
ATIT	0.40	0.35	0.20	0.18
COMP	0.70	0.76	1.00	0.23
CONH	0.73	0.77	0.85	0.17

Fonte: Dados da pesquisa

Os resultados obtidos demonstraram que a média da atitude financeira foi de 0,40, com mediana de 0,35 e desvio-padrão de 0,18. Esse valor revela que os respondentes possuem alta atitude em relação às finanças, ou seja, demonstram predisposição para o planejamento futuro, preferência pela poupança ou preocupação em manter uma conduta financeira de longo prazo.

No que tange ao comportamento financeiro, a média encontrada foi de 0,70. Isso indica que os indivíduos, em sua maioria, apresentam boas práticas de gestão financeira, como pagamento em dia das contas, organização de gastos e maior controle sobre a utilização do crédito. Esse resultado vai ao encontro do estudo de Potrich, Vieira e Kirch (2016), que também identificaram o comportamento como o construto de maior relevância para diferenciar os grupos de baixo e alto nível de educação financeira.

De modo semelhante, Kaiser et al. (2022) verificaram que o comportamento financeiro tende a ser o primeiro aspecto em que se manifestam melhorias perceptíveis quando os indivíduos passam a ter maior contato com práticas de educação financeira, mesmo que ainda apresentam lacunas no conhecimento teórico. Xavier, Amaral e Ribeiro (2019) apontam que a

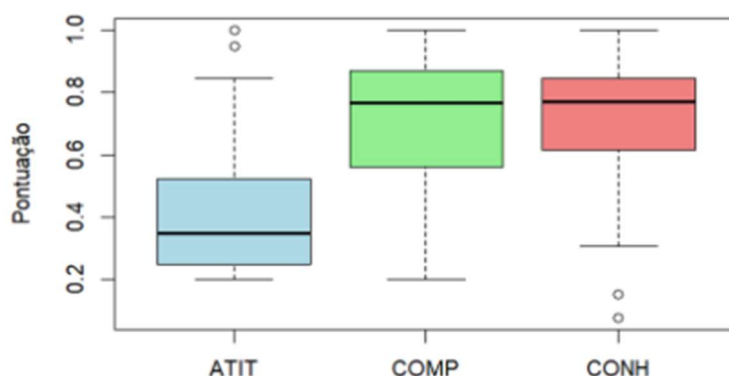
adoção de hábitos como o controle de despesas e a priorização do pagamento de dívidas está diretamente associada ao desenvolvimento de atitudes mais responsáveis e sustentáveis em relação ao dinheiro. Esses achados reforçam a relevância do comportamento financeiro como componente prático da educação financeira e evidenciam que mudanças comportamentais podem ocorrer antes mesmo da consolidação do conhecimento formal.

Por sua vez, o conhecimento financeiro apresentou média de 0,73, o constructo de melhor desempenho observado, demonstrando que os participantes possuem domínio razoável de conceitos fundamentais, como juros, inflação e valor do dinheiro no tempo. Entretanto, os resultados indicam que o conhecimento, por si só, não assegura a adoção de comportamentos financeiros adequados, uma vez que o domínio conceitual nem sempre se traduz em atitudes práticas de gestão. Essa relação já havia sido evidenciada por Potrich et al. (2016), que identificaram forte interdependência entre as dimensões de conhecimento, atitude e comportamento financeiro, ressaltando que o aprendizado teórico tende a ser insuficiente quando não acompanhado de hábitos e práticas consistentes. De modo semelhante, Campos et al. (2022) destacam que o desafio das instituições de ensino não está apenas em transmitir conteúdos técnicos sobre finanças, mas em promover experiências formativas que estimulem o uso consciente e responsável do dinheiro, favorecendo a aplicação dos conhecimentos adquiridos na vida cotidiana.

Esse resultado ganha relevância quando comparado ao cenário nacional em que pesquisas recentes apontam níveis de conhecimento consideravelmente mais baixos entre a população em geral. De acordo com a Onze (2024), 41% dos brasileiros afirmam saber pouco ou quase nada sobre educação financeira, e apenas 18% se consideram capazes de administrar. De forma semelhante, o Banco Central (2023) constatou que somente 14,3% dos entrevistados conseguiram realizar corretamente um cálculo simples de juros. Assim, o desempenho superior observado na amostra deste estudo pode refletir o impacto positivo do ambiente acadêmico, que favorece o desenvolvimento de competências financeiras mais sólidas quando comparado à média populacional.

O Gráfico 01 apresenta a comparação das pontuações obtidas nas dimensões: Atitude (ATIT), Comportamento (COMP) e Conhecimento (CONH). O gráfico boxplot ilustra a distribuição dos dados, permitindo observar a tendência central, a dispersão e possíveis valores discrepantes (outliers) em cada uma das variáveis analisadas.

Gráfico 01: Atitude, comportamento e conhecimento



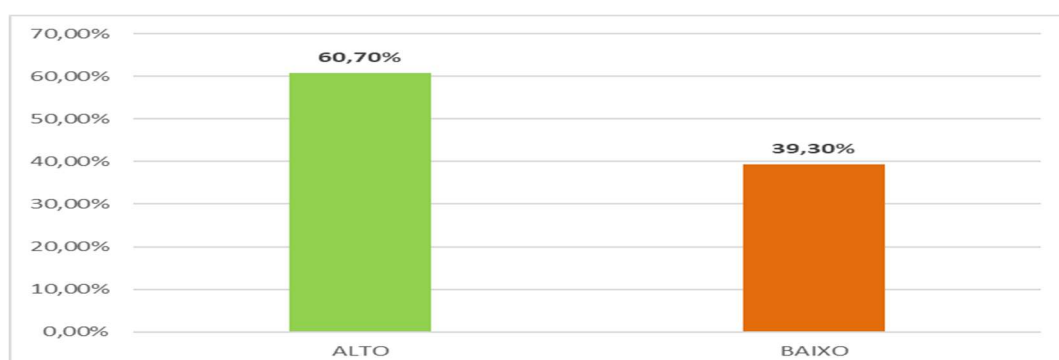
Fonte: Dados da pesquisa

Observa-se que a dimensão ATIT apresentou a menor mediana entre as três dimensões, com valores concentrados entre aproximadamente 0,2 e 0,5, indicando uma tendência de pontuações mais baixas nesta categoria. Ressalta-se que para esse parâmetro quanto mais baixo a média melhor a atitude financeira dos respondentes. Além disso, nota-se a presença de valores discrepantes acima de 0,8, sugerindo que alguns participantes apresentaram níveis de atitude superiores à média geral do grupo demonstrando uma atitude financeira inadequada. Essa amplitude de variação pode refletir diferenças individuais significativas na disposição ou engajamento dos participantes em relação ao tema avaliado.

Em contraste, as dimensões COMP e CONH exibiram pontuações mais elevadas e homogêneas, com mediana próximas de 0,8. Essa proximidade entre as duas dimensões indica maior consistência e estabilidade nas respostas, sugerindo que os participantes demonstraram níveis desenvolvidos de comportamento e conhecimento relacionados ao objeto de estudo corroborando com os resultados positivos de ATIT. A menor dispersão observada nessas variáveis reforça a uniformidade das percepções e o nível de consolidação dos comportamentos e conhecimentos financeiros dentro da amostra analisada, contrastando com a maior variabilidade encontrada na dimensão Atitude, cuja interpretação segue lógica inversa — isto é, valores mais baixos indicam atitudes mais positivas e financeiramente adequadas.

O Gráfico 2 apresenta a distribuição dos níveis de educação financeira entre os participantes da pesquisa. Essa representação busca ilustrar, de forma clara, a proporção de respondentes classificados nos níveis alto e baixo, conforme os indicadores obtidos a partir do questionário aplicado.

Gráfico 02: Distribuição de Níveis de Educação Financeira



Fonte: Dados da pesquisa

A análise dos resultados evidencia que 60,7% dos participantes apresentam alto nível de educação financeira, enquanto 39,3% se enquadram no nível baixo, conforme mostra o Gráfico 02. Esse resultado demonstra um desempenho superior ao observado em estudos nacionais, como o levantamento Ipespe (2025), segundo o qual 55% dos brasileiros reconhecem compreender pouco ou nada sobre educação financeira. Esse resultado sugere que o público pesquisado, composto por estudantes do curso de Ciências Contábeis, tende a apresentar melhor desempenho em temas financeiros. Infere-se que a escolha do curso possa

demonstrar um interesse prévio por assuntos relacionados à educação financeira, o que contribui para o desenvolvimento de atitudes e comportamentos mais conscientes no uso do dinheiro. Contudo, o fato de ainda existir uma parcela significativa de alunos com baixo domínio do tema reforça a importância de políticas educacionais voltadas ao fortalecimento da educação financeira no ambiente universitário.

4.3 Testes adicionais

educação financeira, foram realizados testes estatísticos relacionando o nível de educação financeira dos participantes com variáveis socioeconômicas, como sexo. Essa etapa buscou identificar se há diferenças significativas entre grupos distintos e de que forma características individuais podem influenciar o desempenho em termos de atitude, comportamento e conhecimento financeiro. A seguir, a Tabela 3 apresenta a distribuição dos níveis de educação financeira de acordo com o sexo dos respondentes:

Tabela 03: Diferenças por sexo

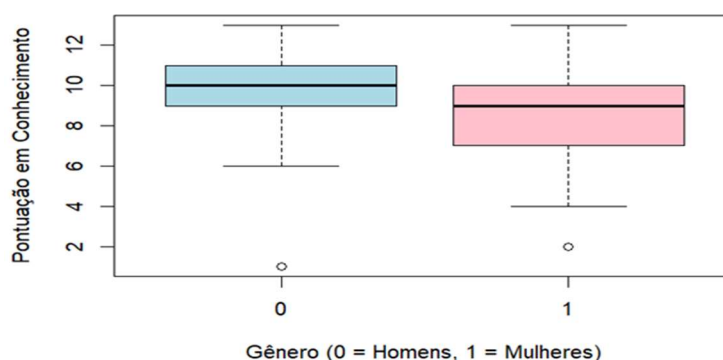
Classificação	Masculino	Feminino
Alto	70,00%	51,43%
Baixo	30,00%	48,57%

Fonte: Dados da pesquisa.

Conforme apresentado na Tabela 3, observou-se que do sexo masculino 70% foram classificados com alto nível de educação financeira, enquanto 30% alcançaram o nível baixo. Para o sexo feminino observou-se que 51,43% foram classificados com alto nível de educação e 48,57% alcançaram o nível baixo.

Para tentar compreender se existe diferenças estatísticas na atitude, comportamento e conhecimento em relação ao sexo foi feito o teste de Mann-Whitney, que é um teste não paramétrico que testa a mediana de dois grupos. Ou seja, busca-se neste caso observar se existe diferença na atitude, comportamento e conhecimento dos respondentes de acordo com seu sexo. O Gráfico 3 demonstra que existe diferença significativa entre a média dos grupos, ou seja, existe diferença na média alcançada entre homens e mulheres.

Gráfico 03: Distribuição de conhecimento por gênero



Fonte: Dados da pesquisa

Esse achado está alinhado com estudos como o de Krause et al. (2023), que também identificaram diferença de conhecimento financeiro entre homens e mulheres, em amostras universitárias brasileiras, embora com variações de pequena magnitude. Adicionalmente, Kuśmierczyk et al., 2022 aponta que parte da diferença observada em pesquisas desse tipo pode decorrer de vieses nos instrumentos de mensuração — por exemplo, menor segurança em marcar respostas ou escolher respostas “não sei”, o que pode reduzir médias femininas inclusive quando o conhecimento é similar. Comparativamente, como apontado por Nogueira et al., 2025, a educação formal e o nível socioeconômico aparecem como variáveis moderadoras que tendem a atenuar essas diferenças de gênero, corroborando a hipótese de que o ambiente acadêmico pode mitigar disparidades, mesmo que não eliminá-las completamente.

Esse resultado dialoga com o de Potrich, Vieira e Kirch (2018), que encontraram no Brasil proporção significativamente maior de homens entre aqueles com níveis elevados de educação financeira, especialmente no componente de conhecimento, embora as diferenças não tenham se mostrado grandes em todos os construtos. Adicionalmente, o estudo de Nogueira et al., 2025, apresenta evidências de que, em vários países desenvolvidos e em desenvolvimento, embora homens tendem a exibir médias de conhecimento financeiro ligeiramente superiores, essa diferença de gênero muitas vezes se configura como moderada ou fraca quando ajustadas às variáveis de educação formal, renda e acesso a recursos financeiros. Esses comparativos reforçam a conclusão de que, mesmo existindo diferenças estatística entre homens e mulheres no nível de conhecimento, sua magnitude limitada sugere que gênero não seja um determinante forte isoladamente, mas que opere em conjunto com outros fatores socioeconômicos.

4.4 Variáveis de Semestres

Na perspectiva de conseguir captar se o curso de ciências contábeis tem alguma correlação com atitude, comportamento e conhecimento na educação financeira, foram feito dois grupos: Grupo 1: primeiro semestre do curso; Grupo 2: demais semestres do curso.

Com o objetivo de verificar se há diferenças significativas entre os estudantes ingressantes (1º semestre) e os demais em relação às dimensões Atitude, Comportamento e Conhecimento (Média), aplicou-se o teste de Mann-Whitney. Os resultados mostraram que não houve diferenças estatisticamente significativas entre os grupos em nenhuma das variáveis analisadas. Para Atitude ($W = 1523,5$; $p = 0,817$) e Média ($W = 1559,0$; $p = 0,906$), os valores de p foram bastante elevados, indicando ausência de qualquer indício de distinção entre os grupos. No caso do Comportamento ($W = 1334,5$; $p = 0,223$), observou-se um p -valor menor em comparação às demais variáveis, mas ainda acima do limiar de 5%, o que reforça a conclusão de que não existem diferenças estatisticamente significativas.

Em síntese, os resultados sugerem que a participação no curso, independentemente do semestre em que o estudante se encontra, não se associa a mudanças perceptíveis nas dimensões de atitude, comportamento ou conhecimento.

Esse achado encontra paralelo em estudos recentes como de Rodríguez-Correa et al. (2025) que analisaram jovens universitários e verificaram que o progresso acadêmico, embora associado em teoria a maior exposição ao conteúdo, nem sempre se traduz em ganhos expressivos de conhecimento financeiro quando outros fatores, como experiência prévia ou oferta de disciplinas específicas, não operam como mediadores. Similarmente, Prempeh et al. (2024) observaram que entre estudantes de nível superior, variáveis demográficas e socioeconômicas muitas vezes têm impacto mais evidente no comportamento financeiro do que o mero avanço no curso. No contexto brasileiro, Maluf, Silva e

Cordeiro (2025) encontraram cenários em que o semestre do aluno não foi um diferencial tão forte em conhecimento financeiro, especialmente em cursos onde a educação financeira não estava institucionalizada como componente obrigatório.

Esses comparativos reforçam a hipótese de que, embora o curso possa fornecer fundamentos conceituais, para que o conhecimento cresça de modo significativo conforme os semestres avançam, é necessário que haja estrutura curricular, intervenções pedagógicas práticas e estímulos contínuos — não apenas a espera de que o simples passar do tempo acadêmico provoque mudanças.

Explorando melhor para compreender se a formação no curso tem correlação com atitude, comportamento e conhecimento, foi realizado o teste de Spearman, para cada um dos constructos. Desta forma, as variáveis relativas ao conhecimento construído na faculdade (aprendizado, conteúdos, contribuição, conhecimentos adquiridos e segurança de aplicar conhecimentos), foram relacionados à atitude, comportamento e conhecimento. Para a variável atitude, nenhum dos aspectos do curso de ciências contábeis se mostrou significativo, conforme Tabela 04.

Tabela 04: Correlação Atitude x Contribuição do curso

Variável Dependente	Aprendizado	Conteúdos	Contribuição	Adquiridos	Segurança
ATIT	0.034	-0.015	-0.035	0.030	-0.014
COMP	0.267*	0.085	0.137	0.138	0.250*
CONH	0.044	0.129	0.065	0.090	0.133

Fonte: Dados da pesquisa

Para a variável comportamento, o aprendizado e a segurança em aplicar os conteúdos se mostraram significativas com uma correlação positiva, ou seja, o curso de ciências contábeis contribuiu com aprendizado e trouxe mais segurança aos respondentes para aplicar em seu cotidiano assuntos financeiros, conforme a Tabela 06.

Em relação à variável Conhecimento, os resultados indicam que nenhuma das variáveis associadas ao curso apresentou correlação significativa. Em outras palavras, não foram encontradas evidências estatísticas de que a participação no curso tenha contribuído, de forma mensurável, para o aprimoramento do nível de conhecimento dos participantes.

Esse achado reforça uma preocupação recorrente na literatura sobre educação financeira no ensino superior. Campos et al. (2022) argumentam que o desafio não está apenas em ministrar conteúdos sobre finanças pessoais, mas em garantir que esses conhecimentos sejam incorporados à rotina dos alunos e transformados em hábitos conscientes e duradouros. De modo semelhante, Costa et al. (2023) destacam que a educação financeira deve ser tratada como um direito e uma necessidade permanente nas instituições de ensino, devendo ser integrada às políticas educacionais de forma estruturada e contínua, e não como um tema isolado ou opcional.

Ademais, o estudo de Nardi et al.(2025) observa que, mesmo em cursos voltados ao domínio técnico da contabilidade e administração, muitos estudantes enfrentam dificuldades para aplicar na prática o que aprendem em sala de aula, devido a limitações socioeconômicas e culturais. Dessa forma, os resultados aqui obtidos sugerem que, embora o ensino superior possa oferecer bases conceituais relevantes, sua efetividade em promover o desenvolvimento do conhecimento financeiro depende de estratégias pedagógicas mais integradas e contextualizadas à realidade dos estudantes.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo teve como objetivo geral analisar o nível de educação financeira dos estudantes dos cursos de Ciências Contábeis de uma universidade pública. Este objetivo foi

plenamente atendido, uma vez que os resultados obtidos permitiram identificar os níveis de atitude, comportamento e conhecimento financeiro dos participantes, além de investigar a influência de variáveis sociodemográficas e acadêmicas sobre esses construtos. Os achados indicaram que a maioria dos estudantes apresenta alto nível de educação financeira.

De modo abrangente, os resultados demonstram que, embora os estudantes possuam domínio satisfatório de conceitos financeiros e adotem boas práticas de controle de gastos e planejamento, ainda há lacunas no que diz respeito à predisposição para o planejamento de longo prazo e à formação de hábitos consistentes de poupança. Observou-se também que o avanço no curso não se mostrou diretamente relacionado ao aumento do nível de educação financeira, sugerindo que o aprendizado formal, isoladamente, não garante o desenvolvimento pleno dessa competência. Esses achados reforçam a importância de estratégias institucionais voltadas à integração da educação financeira de forma transversal e contínua no ambiente universitário.

Como limitações do estudo, destaca-se o número restrito de respondentes e a delimitação geográfica da pesquisa, concentrada em uma única instituição pública do interior do Ceará. Esses fatores limitam a generalização dos resultados, embora não comprometam a validade interna do estudo.

Para pesquisas futuras, recomenda-se ampliar o escopo da amostra, abrangendo outras instituições e regiões do país, bem como incluir variáveis complementares, como hábitos de consumo digital e acesso a produtos de crédito. Além disso, estudos longitudinais poderiam contribuir para compreender de que forma a formação acadêmica influencia a evolução da educação financeira ao longo do tempo, permitindo a formulação de políticas educacionais mais eficazes e contextualizadas.

REFERÊNCIAS

BANCO CENTRAL DO BRASIL. **Inclusão financeira do brasileiro avança, mas letramento financeiro ainda pode melhorar.** 2025. Disponível em: <https://agenciagov.ebc.com.br/noticias/202311/inclusao-financeira-do-brasileiro-avanca-mas-letramento-financeiro-ainda-pode-melhorar>. Acesso em: 8 jul. 2025.

BANCO CENTRAL DO BRASIL. **Relatório de Letramento Financeiro.** Brasília: Banco Central, 2023. Disponível em: https://www.bcb.gov.br/content/cidadaniafinanceira/documentos_cidadania/letramento/relatorio-de-letramento-financeiro.pdf. Acesso em: 17 out. 2025.

CAMPAGNER, M. C.; CAMPAGNER, M. **Perfil socioeconômico dos estudantes de Administração, Ciências Contábeis e Economia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ.** RELACult – Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade, v. 11, 2025. <https://doi.org/10.23899/w8vszp17>

CAMPOS, E. M.; CONFESSOR, K. L. A.; AMORIM, B. P. **Discussões da educação financeira entre os estudantes de ensino superior dos cursos administração, ciências contábeis e ciências econômicas de duas Universidades Públicas.** Research, Society and Development, v. 11, n. 13, 2022. <https://doi.org/10.33448/rsd-v11i13.35705>

CARVALHO, D. R.; CASTRO, A. M. D. A. **Perfil e trajetória acadêmica dos alunos evadidos e sua relação com os processos seletivos** [recurso eletrônico]. 1. ed. Natal: EDUFRN, 2025. ISBN 978-65-5569-611-0. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/65699>

CHEN, H.-F.; VOLPE, R. P. **An analysis of financial literacy among college students**. Financial Services Review, v. 7, n. 2, p. 107-128, 1998. [https://doi.org/10.1016/S1057-0810\(99\)80006-7](https://doi.org/10.1016/S1057-0810(99)80006-7)

CORRÊA, L. R. et al. **Análise do perfil socioeconômico dos discentes dos cursos de Administração e Ciências Contábeis da Universidade Federal Rural da Amazônia (UFRA), Campus Capanema: 2014 a 2018**. Educação: entre teoria e prática, v. II, p. 18, 2024. <https://doi.org/10.46420/9786585756327cap2>

COSTA, A. N. et al. **Educação financeira na universidade – Uma abordagem instrutiva para acadêmicos de administração e ciências contábeis**. In: Fórum Rondoniense de Pesquisa, 2023. Disponível em: <https://jiparana.emnuvens.com.br/foruns/article/view/916>.

DE NARDI, L. Z.; SANTOS, V. F.; BATISTA, V. C. **A relação entre educação financeira e endividamento entre jovens adultos universitários: um estudo em uma instituição pública**. Revista Foco, v. 18, n. 1, p. e7579, 2025. <https://doi.org/10.54751/revistafoco.v18n1-099>

DELAVANDE, A.; ROHWEDDER, S.; WILLIS, R. J. **Preparation for retirement, financial literacy and cognitive resources**. Michigan Retirement Research Center Research Paper, n. 2008-190, 2008. <http://dx.doi.org/10.2139/ssrn.1337655>

ERGÜN, S. **Financial literacy and its impact on individuals and society**. Journal of Economics and Finance, v. 9, n. 2, p. 115-128, 2018.

FELIPE, I. J. S.; SILVA, M. M.; CERIBELI, H. B. **Precedents of the compulsive use of a credit card: an analysis of university students' buying behavior**. Revista de Gestão (REGE), v. 29, n. 4, p. 401–416, 2022. <https://doi.org/10.1108/REGE-12-2020-0122>

FERNANDES, D.; LYNCH JR., J. G.; NETEMEYER, R. G. **Financial literacy, financial education, and downstream financial behaviors**. Management Science, v. 60, n. 8, p. 1861-1883, 2014. DOI: 10.1287/mnsc.2013.1849. <https://doi.org/10.1287/mnsc.2013.1849>

FREITAS, H.; JANISSEK, R. **Análise multivariada: dados e métodos**. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2000.

GHAFOORI, E.; IP, E.; KABÁTEK, J. **The impacts of a large-scale financial education intervention on retirement saving behaviors and portfolio allocation: evidence from pension fund data**. Journal of Banking & Finance, v. 130, p. 106195, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.jbankfin.2021.106195>.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Grupo GEN, 2022. E-book. ISBN 9786559771653.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2019.

HUSTON, S. J. **Measuring financial literacy**. Journal of Consumer Affairs, v. 44, n. 2, p. 296-316, 2010. <https://doi.org/10.1111/j.1745-6606.2010.01170.x>

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Rendimento per capita é recorde e desigualdades caem ao menor nível desde 2012**. Agência de Notícias IBGE, 19 mar. 2024.

Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/43302-rendimento-per-capita-e-recorde-e-desigualdades-caem-ao-menor-nivel-desde-2012>. Acesso em: 16 out. 2025.

IPESPE – INSTITUTO DE PESQUISAS SOCIAIS, POLÍTICAS E ECONÔMICAS. **Educação financeira no Brasil: percepção e comportamento dos brasileiros**. Recife: IPESPE, 2025.

KAISER, T. et al. **Financial education affects financial knowledge and downstream behaviors**. Journal of Financial Economics, v. 145, n. 2, p. 255-272, 2022. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.jfineco.2021.09.022>.

KRAUSE, R.; NIEHUES, A. L. S.; AQUINO, R. F.; SOUZA, J. C. L. **Financial literacy among Brazilian university students: an investigation based on OECD criteria**. Editora SevenPubl, 2023.

KUŚMIERCZYK, P.; KURACH, R.; KOŚNY, M. **Are women truly less financially literate than men? On methodological problems with measuring knowledge**. The Behavioural Determinants of Polish Pension System Adequacy, p. 1-35, 2022. [10.13140/RG.2.2.18759.37286](https://doi.org/10.13140/RG.2.2.18759.37286)

LIZOTE, S. A.; VERDINELLI, M. A. **Educação financeira: um estudo das associações entre o conhecimento sobre finanças pessoais e as características dos estudantes universitários do curso de Ciências Contábeis**. Anais do XIV Congresso USP de Controladoria e Contabilidade. São Paulo: USP, 2014. <https://congressousp.fipecafi.org/anais/artigos142014/442.pdf>

LOPES, A. R. P. et al. **Educação financeira e seus impactos na realidade de Porto Velho – Rondônia**. Centro Universitário São Lucas, Porto Velho, 2021. Disponível em: <https://periodicos.saolucas.edu.br/index.php/dialogos/article/view/1052/1392>. Acesso em: 19 maio 2025.

MALHOTRA, N. K. **Pesquisa de marketing: uma orientação aplicada**. 6. ed. Porto Alegre: Bookman, 2012.

MALUF, S. N.; SILVA, A. G. M.; CORDEIRO, B. C. **Financial literacy of lusophone university students: evidence from a university in the interior of Ceará, Brazil**. Research, Society and Development (RSD), v. 10, n. 9, 2025. <https://doi.org/10.33448/rsd-v10i9.17527>

MONTANHA FILHO, J. P.; SOARES, J. M. M. V.; SOUZA NETO, M. O. de, QUIRINO.; M. C. O.; SOUZA, A. N. M. de. Endividamento e Desempenho Acadêmico sob a perspectiva dos Discentes de Contabilidade / Debt and Academic Performance under Accounting Student's perspective. ID on Line. Revista De Psicologia, 14(49), 394–411, 2020. <https://doi.org/10.14295/online.v14i49.2343>

NOGUEIRA, M. C.; ALMEIDA, L.; TAVARES, F. O. **Financial literacy, financial knowledge, and financial behaviors in OECD countries**. Journal of Risk and Financial Management, v. 18, n. 3, p. 167, 2025. Disponível em: <https://www.mdpi.com/1911-8074/18/3/167>.

OCDE – ORGANIZAÇÃO PARA A COOPERAÇÃO E DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO. **PISA 2012 Assessment and Analytical Framework: Mathematics, Reading, Science, Problem Solving and Financial Literacy**. Paris: OECD Publishing, 2013.

OLIVEIRA, S. F. **Influência dos fatores comportamentais na propensão ao endividamento dos estudantes universitários**. Revista de Administração da UFSM, v. 13, p. 829-849, 2021. <https://doi.org/10.5902/1983465935196>

OLIVEIRA, S. J. M.; MARTUCHELI, C. T. **Ele cabe no bolso, mas sua fatura não: uma análise do uso do cartão de crédito e seus impactos na vida financeira da Geração Z.** Revista Pensar Acadêmico, v. 23, n. 1, p. 1–16, 2025. <https://doi.org/10.21576/pensaracadmico.2025v23i1.3507>

ONZE. **Educação financeira: 59% dos brasileiros não sabe como controlar orçamento, mostra pesquisa da Onze.** [S. l.]: E-Investidor, 20 maio 2024. Disponível em: <https://einvestidor.estadao.com.br/educacao-financeira/educacao-financeira-pesquisa-onze-orcamento/>. Acesso em: 18 maio 2025.

POTRICH, A. C. G.; VIEIRA, K. M.; KIRCH, G. **Determinantes da alfabetização financeira: análise da influência de variáveis socioeconômicas e demográficas.** Revista Contabilidade & Finanças, v. 26, n. 69, p. 362–377, 2015. <https://doi.org/10.1590/1808-057x201501040>

POTRICH, A. C. G.; VIEIRA, K. M.; KIRCH, G. **Você é alfabetizado financeiramente? Descubra no termômetro de educação financeira.** Revista Base (Administração e Contabilidade) da UNISINOS, v. 13, n. 2, p. 153-170, 2016. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/3372/337246777006/html/>

QUEIROZ, E. H.; VALDEVINO, R. Q.; OLIVEIRA, A. M. **A contabilidade na gestão das finanças pessoais: um estudo comparativo entre discentes do curso de Ciências Contábeis.** Revista Conhecimento Contábil, v. 1, n. 1, 2015. Disponível em: <https://periodicos.apps.uern.br/index.php/RCC/article/view/834>.

RONCATO, P. E. DOS S.; FLORES, S. A. M.; FONSECA, A. M.; GARCIA, F. T. **Diagnóstico da alfabetização financeira dos professores na rede municipal de ensino.** Revista Gestão em Análise, Fortaleza, v. 14, n. 1, p. 87–103, 2025. Disponível em: <https://periodicos.unichristus.edu.br/gestao/article/view/5369>

SANTOS, R. M. DOS; BARBOSA, J. DA S.; OLIVEIRA NETO, O. J. DE; JACQUES, K. A. S. **Alfabetização financeira de estudantes do ensino superior: uma análise sobre a atitude, comportamento e conhecimento financeiro.** Revista Ambiente Contábil, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, v. 17, n. 2, p. 384–407, 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.21680/2176-9036.2025v17n2ID35379>

SILVA, T. A. A.; SANTOS, R. M.; CASTRO, A. M. D. A. **Educação financeira e comportamento dos estudantes universitários: uma análise sob a ótica da evasão e da permanência.** Revista de Gestão e Avaliação Educacional – REGEA, v. 14, n. 1, p. 87–103, 2025. DOI: <https://doi.org/10.12662/2359-618xregea.v14i1.p87-103.2025>

SOUZA, G. C. DE; BARBOSA, J. DA S.; OLIVEIRA NETO, O. J. DE. **Alfabetização financeira dos estudantes do ensino médio de instituições públicas.** Revista Ambiente Contábil, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, v. 16, n. 2, p. 474–495, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.21680/2176-9036.2024v16n2ID34229>

VIEIRA, K. M.; POTRICH, A. C. G.; KIRCH, G. **O comportamento financeiro dos universitários brasileiros: um estudo comparativo entre gêneros.** Revista de Administração e Contabilidade da Unisinos (BASE), v. 14, n. 3, p. 192–204, 2017.